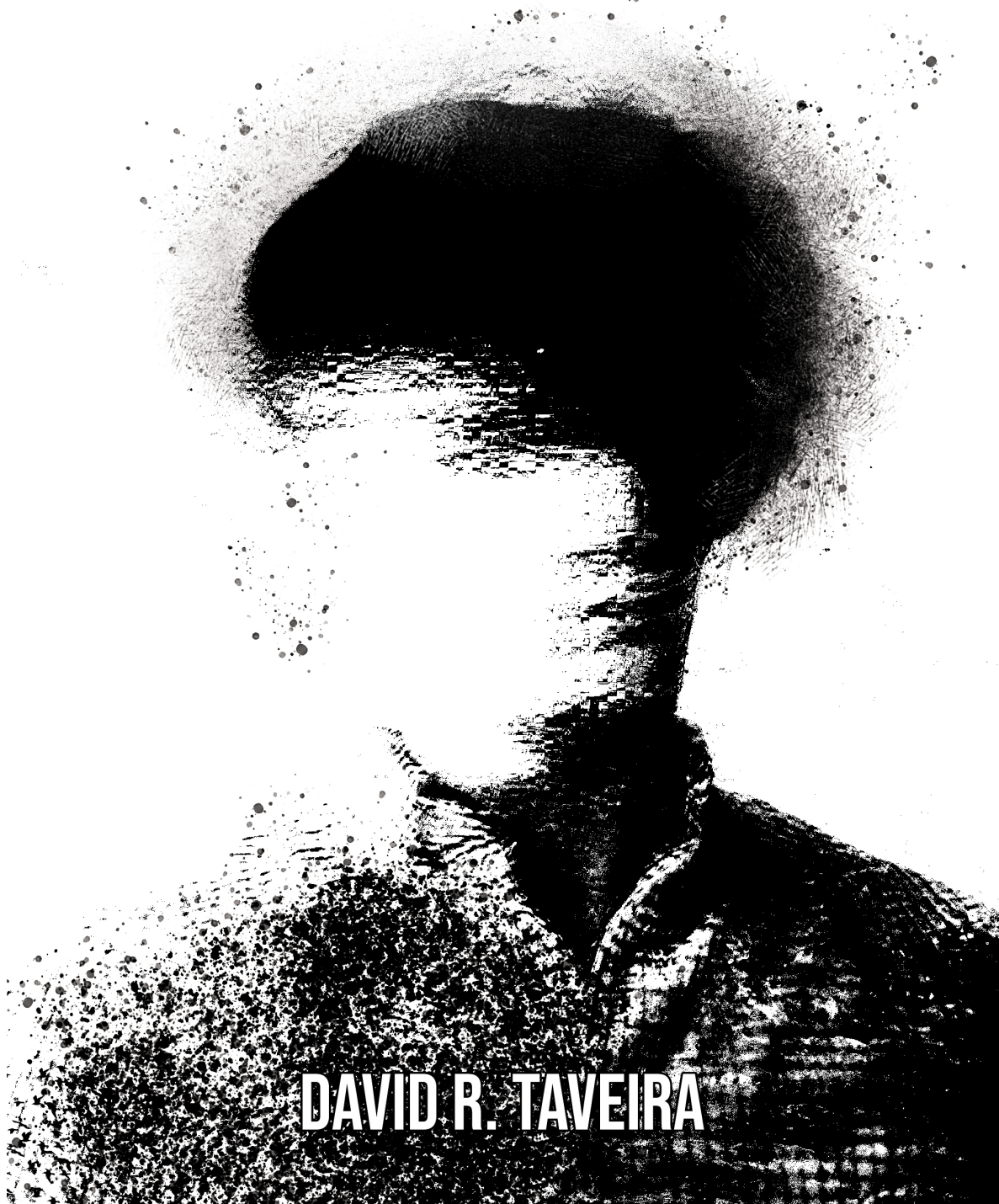


CONSTATAÇÃO

NOVE MISTÉRIOS E UMA VOZ



DAVID R. TAVEIRA

Título Original: Constatação – 9 Mistérios e 1 Voz

Autor: David R. Taveira

Copyright © David R. Taveira

Copyright © Editora Nova Geração

Coordenação Editorial: Tânia Roberto

Edição: Tânia Roberto

Revisão: Vânia Leite

Pós-Diagramação: Ana Domingues

Coordenação de Marketing: Iara Andrade

Design Interior/Diagramação: Tânia Roberto

Design de Capa: Rafaela Silva

Imagem de Capa: Pixabay © Alan Fikz

Fonte: Bebas Neue

Marketeer: Tânia Roberto

1ª Edição: junho de 2024

Acabamento/Impressão: Ulzama - Gráfica

© 2024

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

[Instagram.com/editoranovageracao](https://www.instagram.com/editoranovageracao)

[Facebook.com/editoranovageracao](https://www.facebook.com/editoranovageracao)

Depósito Legal: 533229/24

ISBN: 978-989-9166-64-6



Dedico esta obra à minha esposa, pela sua luz e leveza inspiradoras e capacidade em desmistificar problemas que, após ouvida a sua perspectiva, perdem a sua importância, ou cessam completamente de existir. Há sabedorias que o intelecto não alcança. És o coração que me dá a mão neste caminho (vida).

AVISO DE GATILHO

Este livro contém temas sensíveis, incluindo *bullying*, destruição de propriedade, alusão a rapto, extorsão, pensamentos suicidas, intenção de assassinato e violência. Parece uma coisa muito negra, mas não é. Apesar disso, não posso negar que tais conceitos aparecem na história.





QUE SE DÊ À CONSTATAÇÃO

- **1** 12, boa tarde. Qual é a sua emergência?
- Por favor, ajudem-me!
- O que se passa?
- Estou tão confuso, não vejo a luz há tanto tempo!
- Onde é que o senhor se encontra?
- Vou morrer, vamos todos morrer, ele vai acabar por nos matar! Por favor, suplico...
- A chamada cai.





Filipe Dias, inspetor da Polícia Judiciária, sai da pastelaria com uma caixa de *croissants* recheados numa mão e dois cafês noutra. Depois de tocar com o cotovelo na janela do seu carro, Miguel Antunes, o seu colega, estica-se para lhe abrir a porta do lado do condutor. Dias passa-lhe os cafês, entra na viatura e, assim, dá-se a troca, Antunes dá um café a Dias e recebe dele um *croissant*.

Depois de dar a terceira dentada no *croissant* e de mastigá-la sofregamente, Antunes olha para Dias e engole o pedaço de comida.

— Então, Dias, não comes nada? — Filipe não responde. — É por causa da questão que me falaste ontem? — Dias continua sem responder. — Não te preocupes, tudo se há de resolver. Basta falares com o chefe, ele mexe uns cordelinhos e ficas a pagar a prestação da casa por mais trinta anos. Relaxa, homem!

— A vida privada e a profissional não se misturam — diz o inspetor, fitando um ponto indefinido algures no para-brisas.

— Sempre o mesmo, Dias. Que mal tem usares uma ferramenta que está à tua disposição? Não vais roubar ninguém, vais apenas estender os pagamentos por mais tempo.

— Todo o tipo de ferramentas estão à disposição de qualquer um. É a forma como as usamos e escolhemos que definem o tipo de pessoa que somos. Um candelabro pode servir perfeitamente para matar alguém, assim como as minhas relações com o chefe me permitem adiar a retoma de um banco. Se está certo fazê-lo? Não.

— Não compares as situações.

— Princípios, Antunes. Se ninguém os tiver, o mundo fica perdido. Somos polícias, representamos a lei, temos de dar o exemplo.

Nisto, a seguinte comunicação vinda do rádio é ouvida: — *Dias e Antunes dirijam-se à esquadra.*

— Daqui Dias — diz, enquanto agarra no intercomunicador.

— *A situação ainda é desconhecida, mas parece que implica reféns.*

— Estamos a caminho.

Dias encaixa o intercomunicador no *tablier*, cola a sirene ao tejadilho do carro e arranca em direção à esquadra. A urgência pode ser muita, mas aquele que a atende é mortal. Os mortais estão acorrentados a obrigações, circunstâncias às quais não podem escapar. E quando o café faz o seu efeito nas vísceras do indivíduo, este é obrigado a parar na bomba de gasolina para tratar do assunto.

— Vê lá se te despachas — diz o Antunes. — E deixa de te preocupar com problemas de tão fácil resolução.



ANTÔNIO

Antônio Braga, ex-professor universitário de filosofia, reformado há mais de dez anos, sai do WC da estação de serviço, com o seu ar carrancudo, expressão que jaz cravada no seu semblante, tal cruz do calvário, há já muito tempo.

— Dois maços de Ventil — diz Antônio, de forma seca e rude, para o empregado.

Antônio Braga não fora sempre assim. Quando era jovem, foi um grande pensador, reconhecido pelos quatro cantos do mundo por criar ou solidificar dezenas de teorias filosóficas. No entanto, a nível local, era conhecido pelo seu sorriso aberto, pela sua vitalidade radiante e pela sua bondade. O seu espírito era alegre, leve, livre e caridoso, grande parte graças às teorias que forjava, redes existenciais que, como um ginasta num trampolim, o impulsio-navam a belas e luminosas alturas, nada menos que a obrigação de uma boa filosofia de vida. “Só existe um ser.”, “ Todos somos irmãos”, “Tudo o que acontece é para que nos aproximemos da Verdade”, “O Universo tem inteligência e essa guia-nos”, acrescentando sempre razões lógicas que davam uma sustentabilidade a estes pensamentos que iam para lá da simples fé.

Antônio era um mestre nisso. E filosofias deste género trazem luz para qualquer vida. No entanto, sempre fora de temperamento fogoso, explodia à mínima coisa. E, sempre que explodia, toda a sua crença, todo o seu conhecimento, se convertiam numa pedra da calçada que ele pisava sem dar conta da sua existência. Se estivesse solta, era bem provável que a agarrasse e a atirasse

à cabeça de alguém, como se o simples estado de emoção do Ser fosse capaz de reconfigurar toda a sua personalidade.

Um ser contém nele um espectro de seres. Quando António estava bem, era alegre e despreocupado, bondoso, simpático e sempre pronto para uma boa dose de raciocínio ou uma aventura qualquer na “vida real”. Quando António se chateava, deixava de ser o mesmo, tornava-se no Sr. Fernando, por exemplo. Neste caso, tínhamos a luz e as trevas, a sabedoria e a ignorância, a alegria e a ira, o altruísmo e o egoísmo, uma luta titânica que ia acontecendo dentro dele, ou que poderia ter acontecido se António se tivesse focado nessa sombra e a tivesse tentado sublimar. Mas a sua atenção esteve sempre virada para as suas teorias, para os enormes porquês da existência, as “verdades mais altas”, como ele dizia. Sim, é verdade que António alcançou muitas verdades. Mas de que serve a Verdade se o Homem não possui nem tenta possuir as rédeas do seu próprio ser? Por mais que soubesse, por mais evoluído que se julgasse — e que realmente o pudesse ser — bastava o seu estado emocional dar a volta, que toda a sua sabedoria era engolida pelo seu subconsciente, tal como a Atlântida. Quem se lança para o céu sem tirar as raízes do chão sujo, estica-se, estica-se e parte-se ao meio.



Hoje em dia António não é mais o mesmo. O seu corpo interior quebrou-se, o que era do céu foi para o céu. A sua luz, pura e abençoada, escoou-se pelas entranhas do seu ser. Ficou sem cabeça e sem coração. Agora, António é só pés, pernas e vísceras. Os genitais estão lá, já não funcionam, mas continuam a atrapalhar. Agora, não passa de um arrasto cansado. Já nem explode como antigamente; até para explodir é necessária energia. Toda a energia vem do céu. O relâmpago pertence ao espírito. E o espírito pertence ao céu. António é como uma casca, uma pele de lagarto cujo interior se encheu de lama. Um arrasto.

Depois da quebra, do escoamento da luz, só restaram as trevas. Não as trevas demoníacas, mas as trevas da amargura de quem, apesar de muito saber, não conseguiu encontrar na existência o sentido que as suas teorias delineavam. Não que as suas teorias não fizessem sentido; a lógica estava lá. O problema é que para ver o belo e verdadeiro, e acreditar neles, é necessário voar pelas alturas onde o belo e o verdadeiro residem. António perdeu o controlo e caiu para um vale escuro onde tudo aquilo que acreditava perdeu a luz, tornou-se mentira, especulação estéril de quem se entretém com o que nunca fez sentido.

Na sua infelicidade, António vive satisfeito. Apesar de sentir que gastou o tempo da sua vida a projetar ilusões e devaneios, sente que o gastou de uma boa. Já que nada faz sentido, pelo menos entreteve-se a imaginar sentido na vida.

O empregado dá dois maços de *Ventil* a António.

— São dez euros, chefe.

— Chefe!/? — reclama António, indignado. — Mas eu conheço-te de algum lado?

— Mas... — responde o empregado, sem jeito.

— Está mas é calado, rapaz. Só te pedi dois maços de cigarros, mais nada. Nem mas, nem meio mas. Não quero *chefes*, nem *obrigados*, muito menos *volte sempre* — diz, deixando os clientes que estão a sair da loja consternados com tal atitude.





Filipe Dias sai da bomba de gasolina e atravessa o parque de estacionamento, de volta ao carro. Ao passar por uma família, verga ligeiramente a cabeça e diz, com nobre simpatia.

— Muito bom dia, meus senhores.

O casal olha para Dias, com um ar estranho, um misto de medo e indignação. É perfeitamente normal, Dias vive numa cidade grande, as pessoas não se costumam cumprimentar na rua. Às vezes cumprimentamos os polícias. Eis o problema, Dias foi polícia durante muitos anos, mas só é inspetor há dois. Esqueceu-se de que não está fardado. Por isso, para remediar os olhares, aponta para o distintivo preso no seu cinto — distintivo que, por estranho que pareça, já estava bem visível. — O pai pega na criança, apavorado, e corre, juntamente com a mulher, para dentro do carro.

Que gente estranha — pensa Dias.





JORGE

— Onde é que eu estou? — pergunta Jorge, ao ver que se encontra sentado numa retrete, com as calças para baixo.

— Onde é que achas que estás? Numa casa de banho.

— Eu sei que estou numa casa de banho — responde Jorge. — Mas, onde? — questiona, confuso.

— Ah, estava a ver que estavas mesmo a ficar maluco.

— Cala-te! Se estas merdas não me estivessem sempre a acontecer, podes crer que estarias fechado numa caixa qualquer na minha cabeça com uma fita adesiva na boa.

— Não digas essas coisas. Sabes que gosto de ti. Se algum dia os teus apagões deixarem de acontecer e tu conseguires ter sempre à mão os comprimidos, garanto-te que vais sentir a minha falta — diz a voz.

— Já te disse para não voltares a falar!

— Não despejes a tua raiva em mim. Não tenho culpa que ela prefira o outro.

— Cala-te antes que eu corte a cabeça. Assim tu deixas de falar e eu deixo de te ouvir.

— Sem a mini-guilhotina não consegues cortar a cabeça. Vês como podia dar jeito?

— O meu pescoço nos carris do comboio, à hora certa, fazem o serviço.

— Não farias uma coisa dessas.

— Queres apostar?

— Garanto-te que não farias. Pelo menos enquanto as contas não estivessem saldadas.

— Quais contas?

— Então, essa mulher tem de morrer.

— Ela é casada. Não tem sentido eu ficar chateado, nós nem sequer nos chegámos a ver, apenas falámos pelo *chat*. Ela percebeu que prefere o marido, só isso.

— Mas, e se o marido dela descobriu que vocês falavam e a proibiu de se comunicar contigo?

— Achas mesmo?

— Ela estava tão apaixonada. É, no mínimo, estranho que tenha deixado de falar contigo assim da noite para o dia. Ou talvez não, hoje em dia as mulheres não permitem que os homens mandem nelas. O tempo do grande macho, do homem-chefe, já passou, pelo menos é o que dizem. De qualquer das formas, é indecente mostrar tanta paixão e depois cortar o contacto. Para mim, é razão que chegue para se cortarem umas gargantas.

— Cala-te! É por essas merdas que não vou poder voltar a ser barbeiro. Impedes-me de exercer a minha arte, aquilo que mais gosto de fazer. És uma praga dentro de mim!

— Não tenho culpa que a tua profissão envolvesse lâminas e pescoços, senhor barbeiro. Ex-barbeiro. Sabes bem que eu não tinha poder para me controlar, era um impulso maior que eu, convencer-te a realizar os meus desejos, não há nada mais belo do que ver a vida a escoar do corpo de alguém. Não tenho culpa de não ter corpo próprio para poder fazer o que eu quero. Achas que não gostava de ser independente? Mas, admito, também tenho pena que tenhas deixado a tua profissão, tinhas veia para ela — comenta a voz, soltando um riso irónico. Ela gosta de trocadilhos, mas não costuma fazê-los.

— Era a tua paixão. Quando estás feliz cantas lindamente. Gosto muito de te ouvir cantar.

— Os concertos privados que eu dava aos meus clientes enquanto lhes fazia a barba!

— De amar e chorar por mais. Um delírio. Nem sei porque é que não cobravas mais.

— Estava a fazer o que gostava, isso bastava.

— Para mim, o melhor era o final, quando havia. Era como sexo! Prazer, prazer, prazer... e uma explosão de êxtase, uma fonte vermelha de luxúria. Sou culpado do pecado de me excitar quando vejo o sangue a escorrer pelo corpo, ou esguichar pelo ar, e a vida a findar-se num rosto em agonia. Tão bom. Pena que só atendias um ou dois clientes por semana.

— Ou por mês.

— Pois é. Estes apagões estão a dar cabo de ti. Se não fossem a razão da minha sobrevivência, acredita que eu seria o primeiro a ajudar-te a veres-te livre deles.

Jorge ouve a porta da casa de banho a abrir-se. Ele mantém-se em silêncio enquanto ouve uns passos, duas braguilhas a deslizar e *tssshhh*.

— Estou quase a descobrir o *serial killer* do parque — diz um homem.

— A sério? Então, queres contar pormenores? — pergunta o outro.

— Não. Há anos que ando para apanhar este tipo. O Dias tem quase a certeza de quem é, mas não me vou chibar de nada. Sempre que estamos perto de o apanhar, ele safa-se, acho que alguém o anda a informar.

— Parece-me um pouco paranoico, não achas? Uma coisa era um chefe da máfia. Não estou a ver um assassino pagar a algum dos nossos para vigiar o seu caso.

— Há gente com muito dinheiro. Alguma dessa gente é assassina.

— Bem visto.

— Então, e como é que está o caso do barbeiro?

— Nada. Mas sinto que estou muito perto!

— Desde que vocês ficaram com o caso que te fargas de dizer isso.

O derramar de uma das águas cessa, seguido por um pequeno fecho de metal, não antes de uma árvore se sacudir ao vento duas ou três vezes. Segue-se o som de passos, acompanhado por uma nova fonte de líquido, mais puro, escorrendo a uma altura mais baixa e com um caudal maior, a água do lavatório. Finalmente, quatro papéis são puxados do dispensador de papel.

— Bem, já estou. Até logo, Mota.

— Até logo, Antunes.





Dias entra na sala de reuniões onde se encontra o seu parceiro Antunes e o chefe da polícia.

— Então, chefe, o que é que se passa? — pergunta Dias, enquanto puxa uma cadeira e se senta.

— A linha de emergência recebeu uma chamada estranha. Parece que temos em mãos um sequestro. Até pode não ser, mas uma coisa é certa, a vida de várias pessoas está em risco, caso não seja uma partida de mau gosto, claro. Alguém as poderá matar a qualquer momento. Ou já matou, visto que a chamada foi abaixo antes de a vítima poder explicar devidamente o que se passa. Temos de assumir o pior. Quero que investiguem o caso — diz o chefe enquanto atira uma *pen* para o meio da mesa. — Têm aí a gravação da chamada e o número que ligou, acho que é dos descartáveis, sem dono nem plano associado. Eu sei, uma vítima provavelmente sequestrada a ligar de um telefone descartável, é estranho. À primeira vista parece uma brincadeira, mas, a voz, o timbre, a intensidade... ou este gajo é um perfeito ator, ou é realmente alguém em perigo. Não podemos descartar a segunda opção.

— Mas estamos quase a apanhar o assassino do parque! — responde Dias, frustrado.

— Isto é mais urgente. Uma vez esclarecido o ponto de situação, eu encarrego-me do resto e vocês podem voltar à vossa investigação.

— Então e o Bolhão e o Mota, há meses que não avançam no caso do barbeiro assassino.

— O caso do barbeiro vai entrar em *stand by*, por agora — diz o chefe. Quem dera a Jorge ouvir isto. — Vou alocá-los a outro caso.

— Qual?

— Surgiu um vigilante na cidade.

— Um vigilante?

— Sim. Uma espécie de ninja, segundo os relatos. Não preciso de dizer que estamos com falta de pessoal — diz o chefe. — Tenho uma pequena esperança de conseguir contratar o ninja, uma espécie de consultor. Temos tantos casos por resolver.

— Como ele já é voluntário, talvez nem tivesse de lhe pagar ordenado — supõe Antunes.

— Achas que eu não pensei nisso? No entanto, ele tem uma tendência forte para amputar os criminosos. Terei de convencê-lo a trocar a sua catana por, no máximo, um cassetete para autodefesa, o que não será fácil; ele é um ninja, e vos garanto, pelas fotografias que vi, ele tem uma grande afeição por cortar.

— Conheço um psiquiatra que é um psicólogo do melhor — diz Dias.

— Um psiquiatra psicólogo? — questiona Antunes.

— É estranho, mas é verdade. Talvez ele consiga fazer com que o ninja mude de opinião em relação à catana.

— Dá-me o número dele, talvez venha a dar jeito.

Dias aponta o número num papel e pousa-o em cima da mesa, enquanto recolhe a *pen* e a mete no bolso.

— Por hoje estão dispensados.



GABRIEL - NINJA

Um ninj... Sim, um ninja entra num armazém. Lá dentro está um homem de idade avançada, sentado de pernas cruzadas em cima de uma almofada baixa, um ancião, cuja idade avançada é apenas superada pelos seus longos bigodes, se as duas coisas se pudessem comparar. O seu nome é Gabriel, um mestre de artes marciais: um mero disfarce que esconde uma verdade mais profunda e, como tal, impercetível. Gabriel encontrou a iluminação. Dentro dele arde o fogo da Verdade. O seu coração é um lago de paz. E a sua mente, um céu onde a consciência se abisma até ao infinito para vislumbrar em espanto a realidade pura.

Mas a humanidade de hoje não quer saber da Verdade Suprema. Mas Gabriel quer. É por isso que Gabriel ensina artes marciais. A verdadeira razão da existência das artes marciais é isso mesmo, atrair o Ser para o seu próprio centro, onde jaz a Verdade Suprema — assim como todas as artes verdadeiras — ludibriá-lo para alcançar algo que está além dos seus desejos e expectativas. Uns querem poder, outros autocontrolo, vitalidade; há também quem procure paz, uma mente serena e cristalina, mas muito poucos procuram a iluminação. As artes marciais oferecem todos esses tesouros: poder, autocontrolo, vitalidade, tornar-se numa arma mortífera, paz e afins. O que o praticante não sabe, provavelmente porque nunca se informou devidamente, é que são esses mesmos tesouros formam a fundação sobre a qual se ergue a torre de vidro que levará o Ser ao palácio de cristal onde se coroará com a Verdade, a tão bem-afamada e pouco compreendida iluminação. A parte da arma mortífera não faz parte

dessa fundação, mas sim das artes marciais. Há várias formas de mergulhar até à Verdade, e as artes marciais são uma dessas formas.

Gabriel não fora sempre assim, um iluminado; nascera numa favela no Brasil. Passou por muitas dificuldades e perigos. Teve de se fazer à vida, mesmo que isso implicasse praticar ações menos corretas. Pode dizer-se que era um malandro, se formos adeptos do eufemismo. Um pequeno criminoso, um delinquente. Mas, quis o Destino que, certo dia, o seu coração se interligasse ao de uma portuguesa. Uma paixão forte e vibrante nasceu entre os dois e, dias depois, estava num avião, ao lado dela, a caminho de Portugal.

Infelizmente, a forma de vida de Gabriel veio com ele, nas suas veias. Continuou o mesmo de sempre, um ladrão. A sua namorada deixou-o dois meses depois. Não por ele ser ladrão, pois ele era-o às escondidas. A chama é que se apagou, o olhar deixou de brilhar e ela acabou com ele, deixando-o sem casa, à mercê das ruas portuguesas. Tinha dezassete anos. Quem se safa nas ruas do Brasil não tem qualquer problema com as ruas de Portugal. Saiu-se bem, admitamos. No entanto, algumas semanas depois, quando estava a assaltar um casal de novos-ricos, numa zona mais recôndita do parque, foi apanhado em flagrante, delito por um polícia. O homem surpreendeu Gabriel pelas costas e tirou-lhe a faca da mão. Apesar de pequena, metia respeito na posse de alguém cujo olhar emanava criminalidade. O polícia agarrou o jovem pelo pulso, mas, em vez de levá-lo para a esquadra, fez-lhe perguntas, tentou entendê-lo, preocupou-se com ele. No fundo, em vez de se importar com o fenómeno, quis conhecer as causas. Foi capaz de vislumbrar que, além daquele olhar criminoso e revoltado, existia um adolescente triste, de coração partido, e uma criança com medo, sozinha, que foi obrigada a crescer mais cedo e a lidar com a vida de uma determinada forma para sobreviver. Primeiro no Brasil, depois em Portugal.

Ao perceber a situação de Gabriel, e intuindo que por detrás daquela criança existia um ser cheio de potencial, ofereceu-se para lhe dar abrigo e ser seu tutor. A atitude deste polícia salvou Gabriel da prisão ou até da morte. O nome do polícia era Bernardo Dias. O seu sonho era ter sido inspetor, nunca conseguiu, mas o seu neto sim. Já lá vão quase cinquenta anos. Bernardo pagou a instrução de Gabriel que ficou apto para entrar na academia de polícias. Mas Gabriel preferiu tornar-se psiquiatra para entender como pode uma personalidade transformar-se noutra totalmente diferente. Afinal de contas, bastou Bernardo aparecer na sua vida para que as veias de Gabriel se sublimassem, e o ladrão tornou-se num jovem bondoso e aplicado nos estudos. Seria o amor? Seria a disciplina? Seria algo mais? Ou o conjunto de tudo isso? Ou talvez algo completamente diferente. Verdade seja dita, há várias formas de apanhar

pássaros. Gabriel queria descobrir essas formas e ajudar outros como ele ou análogos a ele. Bernardo consentiu, desembolsou o necessário e Gabriel acabou por se tornar num grande psiquiatra, aliás, num dos melhores de sempre. Teve vários alunos, mas só um deles se revelou digno de se tornar seu aprendiz. Não estou a falar do ninja, esse veio muito depois. Refiro-me ao Marques, mais conhecido como Dr. Pedro. Juntos desenvolveram dezenas de pesquisas, muitas delas revolucionárias, e as melhores pertenciam, não ao ramo da psiquiatria, mas ao da psicologia. Uma mente brilhante, Gabriel. Dr. Pedro também, mas faltava-lhe um quê de genialidade. Um grande quê.



Gabriel tinha uma vida preenchida; formou família, estava bem financeiramente e fazia o que gostava. Mas, um dia, quando foi visitar um doente mental acamado que vivia numa casa no centro do Gerês, tudo mudou. Acabou por se demorar na consulta e teve de passar a noite num *bungalow*, com vista para o rio, que alugou a uns amigos dos familiares do doente. Foi então que o milagre aconteceu. No dia seguinte, quando Gabriel se levantou da cama e abriu a porta do *bungalow*, o ar da madrugada entrou pelo seu ser adentro, trazendo as essências dos raios de luz matutina. Ao ricochetearem no rio e na neblina, desfizeram-se num sopro puro que entrou nos pulmões de Gabriel, passou para o seu sangue e fundiu-se a cada uma das suas células. Nesse mesmo instante, Gabriel vivenciou uma experiência indizível e indivisível. Aquele que ele conhecia como Gabriel, deixou de existir. Até o rio, a neblina e a manhã desapareceram naquele sopro sem forma. E o que restou foi... Não há palavras para o que restou. Quer dizer, há. Gabriel experienciou um *samádi*¹, uma experiência de unidade que transcende o ego.

Nada do que o mundo nos pode oferecer se compara a um *samádi*. Há muitos *samádis*, cada um mais perfeito e profundo que o anterior. Este acontecimento fez Gabriel deixar o seu emprego e família para partir numa busca espiritual à procura dessa sensação de unidade e para compreender o que raio foi aquilo que lhe aconteceu. Na altura, Gabriel desconhecia este conceito. Correu os mestres da Índia, do Tibete, do Nepal, do Sri Lanka, visitou os índios da Amazônia, os bailarinos sufis — e muitos outros — em busca

¹ Samádi pode ser traduzido por “meditação completa”. No ioga é a última etapa do sistema, quando se atinge a suspensão e compreensão da existência e a comunhão com o universo. No budismo é usado como sinónimo de “concentração” ou “quietude da mente”, uma concentração ou quietude muito além do normal.

da essência mais profunda do ser, onde se encontra aquilo capaz de abraçar seja o que for e dissolver o que é abraçado no abraço e naquele que abraça... *Samádi!*

Gabriel obteve muita sabedoria, atingiu muitos *samádis*, mas não chegou a encontrar o centro dos centros. Após mais de uma década, decidiu desistir dessa busca aparentemente infrutífera e voltar para Portugal. Nessa altura, a sua mulher já o havia trocado pelo seu aprendiz, Dr. Pedro. Mas Gabriel compreendeu. A única coisa que não compreendeu foi o porquê de não ter conseguido encontrar o que tanto procurou.

As coisas nem sempre funcionam como queremos. É verdade que o universo nos dá o que lhe pedimos, mas, enquanto estivermos a remexer na existência, o Destino não pode operar o milagre. Apesar disso, a nossa intervenção é necessária, pois é através dela que informamos o Destino de que lhe estamos a pedir um milagre. A questão é que Gabriel não sabia que pedia um milagre. Quis a Verdade e fez de tudo para a tentar alcançar. Mas que mais é este encontro do Ser com o Ser, no centro do abismo do eu além do ego, dos desejos, dos nomes e das formas, que não um milagre? A Verdade está para além dos desejos, para alcançá-la há que transcender o desejo. E desejar alcançá-la é, ainda, desejar.

Foi quando Gabriel desistiu de desejar, quando largou as rédeas da parte do seu ser que ansiava por cavalgar até à unidade, e se deixou flutuar na periferia *fenomenal* darealidade, onde as coisas se fingem separadas, que tudo aconteceu.

Foi aproximadamente três semanas depois de ter chegado a Portugal. Eram sete da tarde. Depois de beber um chá, Gabriel foi até à casa de banho, pôs a água da banheira a correr, despiu-se, lavou os dentes — a água já libertava vapor — e, ao levantar um pé para entrar na banheira, o momento deu-se. Gabriel iluminou-se.

Nada se pode dizer quanto a este momento. A não ser que Gabriel chegou a um passo do Destino Final. Se continuasse, seria dissolvido no TODO. No entanto, este “a um passo do TODO” continha uma verdade tão incomensuravelmente grande, vertiginosa e profunda, extasiante e plena, que, ao ver os homens, ignorantes deste mistério, em infelicidade, Gabriel decidiu não dar o último passo, para poder continuar no caminho dos vivos e guiar os outros até ao TODO, a unidade.

Como já disse, hoje em dia ninguém procura a iluminação, nem sequer sabem o que isso é, no máximo, pensam que sabem. Têm uma ideia vaga, fugidia, muito imprecisa. Por isso, Gabriel vê-se obrigado a usar o isco das artes marciais para elevar as almas até à montanha do espírito. Por enquanto, só tem um discípulo. Quando era psiquiatra, Dr. Pedro era o seu aprendiz. Agora, que é um mestre iluminado, o seu aprendiz é um ninja. Gabriel é muito exigente na sua seleção. Em poucos meses, ensinou o ninja a ser ninja, só falta ensiná-lo a ser buda. Mas já não está longe. Apesar do ninja continuar a correr pelos terrenos sombrios da incerteza e ignorância, julgando que o que está mal no mundo tem de ser mudado, nem que seja com o deslizar da lâmina de uma catana. Mas com tempo, foco e dedicação, tudo se sublima.

O que os dois não sabem é que Filipe Dias, o inspetor da Judiciária, vira, mesmo há pouco, o ninja a saltar por cima dos telhados de uns armazéns e seguiu-o até um desses armazéns. Estacionou o carro a trinta metros de distância e foi espiar pelo buraco de uma janela partida.

— Só pode ser o vigilante — diz Dias, para si.

O inspetor ouve toda a conversa aborrecida entre o mestre e o ninja, “força interior”, “chi”, “o outro não existe”, “tu não existes”, “nada existe”, “o que realmente existe está para além das palavras...” coisas desse género. No entanto, no final da conversa, saltou à baila: “Até amanhã de manhã”.

Até amanhã, nada — pensa Dias. — *Quando saíres daí apanho-te!* — E assim foi.





DR. PEDRO

Dr. Pedro chega a casa depois de um dia estafante no consultório. Dois bipolares, três psicóticos e um que acha que está maluco. Ganha bem, tem dinheiro que sobra, mas não sente prazer na sua profissão. Desde que o seu mentor partiu para encontrar uma verdade qualquer, que Pedro não teve mais arcaboço para continuar com as investigações e viu-se obrigado a resumir-se às consultas. Não é fácil lidar com a mente humana. Pelo menos o barbeiro que ouve vozes já não lhe liga há uns meses.

Dr. Pedro fecha a porta de casa, pendura o sobretudo no bengaleiro, vai à cozinha, põe o café a fazer e vai levar o lixo que esperava por ele à entrada de casa, do lado de fora. Rotina diária.





GULIVER - JURIETA

— **E**stá combinado — diz Guliver, ao telefone.
— Não, não vou ser eu a fazê-lo. Já estás com sorte de eu ter pedido a alguém — responde o indivíduo do outro lado da linha.

— Desculpe? — questiona Guliver.

— Eu é que peço desculpa, não estava a falar para si.

Guliver desliga o telefone, entra no carro e segue em direção à morada indicada.

A noite acaba de cair. Depois de estacionar o veículo duas ruas acima do ponto de destino, agarra num gorro com dois buracos feitos propositadamente para a causa, põe a pistola à cintura e desce por entre as sombras até à casa desejada.

Está com sorte, a porta está entreaberta. Ele entra, com o gorro enfiado até ao pescoço e de arma em riste, avança pelo corredor até à sala e encontra uma mulher sentada no sofá. Guliver aponta-lhe a arma, pronto a matá-la, trabalho fácil, mas ela vira-se e os olhos de ambos encontram-se. O olhar verde místico da mulher cai para dentro das pupilas de Guliver, atingindo diretamente o seu coração com um impacto que petrifica o corpo bem treinado do assassino.

Ao vê-lo de pistola na mão, a mulher lança um grito, quebrando a petrificação de Guliver. Ele agarra-a, tapa-lhe a boca e arrasta-a para dentro da primeira porta que encontra. É a cave, lá dentro agarra nuns lençóis com uma mão, enquanto segura a mulher pelo braço que, infrutiferamente, se esforça

para se soltar de Guliver. Depois usa os lençóis para a amarrar a uma cadeira e fica parado, a olhar para ela, sem saber o que fazer.

O dever pode ser “dever”, mas quando o coração se impõe não há autoridade ou obrigação que o submeta. O coração é o senhor da revolução, a fonte da força pura que irrompe nas vidas dos indivíduos e destrói as paredes autoimpostas — ou impostas por terceiros —, abrindo horizontes a limites antes inimagináveis. A imaginação é a máquina que torna o homem num Homem, um criador. Mas o amor é a eletricidade que dá vida à máquina, o espírito que se oculta na alma, a força que impele o Homem a ser mais do que Homem. Coração, imaginação e lógica. A lógica dá um sentido à máquina e define os seus movimentos. O coração não quer saber do sentido, só quer saber do que sente, e quando sente, move-se para lá do sentido. O coração é fodido.